

Imigração dos sírios e libaneses : idiosincrasias e sonhos.**Immigration of Syrians and Lebanese: idiosyncrasies and dreams.****Inmigración de los sirios y libaneses: idiosincrasias y sueños.**

Miriam Abduche Kaiuca
miriamkaiuca@gmail.com

Resumo

Este artigo objetiva efetuar algumas breves reflexões sobre os processos de construção de identidade, memória e etnia dos imigrantes sírios e libaneses nas primeiras décadas do século XX. Pretende-se compreender as formas de inclusão que os grupos criaram para inserção social. Ressaltam-se os mecanismos criados como forma de pertencimento, sem abandonar as idiosincrasias e medos no novo caminho a ser vivido, com as diferenças como forma de desafio.

Palavras-chave: sírios e libaneses, memórias, etnia.

Abstract

This article aims to make some brief reflections on the processes of identity, memory and ethnic construction of Syrian and Lebanese immigrants in the first decades of the 20th century. It is intended to understand the forms of inclusion that groups have created for social insertion. They emphasize the mechanisms created as a form of belonging, without abandoning the idiosyncrasies and fears in the new way to be lived with differences as a form of challenge.

Keywords: Syrian and Lebanese, memories, ethnicity

Introdução

Pensar em qualificar o imigrante com alguma palavra seria reduzir uma vida a algumas letras. Mas há como se pensar que o imigrante é aquele que, francamente, vive uma trajetória que envolve uma série de idiosincrasias sobre o desamparo, o dano e, contrariamente, o original.

O emigrante sai de sua terra com o objetivo de estabelecer-se em outro local em busca de uma vida melhor, que ele muitas vezes não conseguiria se continuasse estabelecido em sua cidade natal, mas com o sonho de ser uma vida de situações provisórias.

Incidir por essa trajetória de deixar seu lugar de genealogia, sua terra natal e se lançar a um local ainda incógnito não é tarefa das mais simples, na medida em que envolve uma série de enigmas com relação a uma nova língua que precisará ser aprendida, uma nova cultura a ser trabalhada e novas pessoas com as quais haverá necessidade de estabelecer relações que, às vezes, não serão muito pacíficas. Porém, na maioria dos casos, o que acontece é a permanência do migrante na sociedade que escolheu para trabalhar, uma estada que não é decidida a princípio, e que faz parte de uma dupla contradição: “[...] não se sabe mais se se trata de um estado provisório que se gosta de prolongar indefinidamente ou, ao contrário, se se trata de um estado mais duradouro, mas que se gosta de viver com um intenso sentimento de provisoriedade”.¹ O fenômeno migratório contribui “para dissimular a si mesmo sua própria verdade”².

Há que se pensar em um recorte regional do Oriente Médio e adequar algumas categorias como cristãos da região da Síria e do Líbano, entendendo o processo de inserção dos imigrantes sírios e libaneses, em especial no município do Rio de Janeiro e

em Niterói: apontando alguns fatores de inclusão na área de trabalho, na sociedade como imigrante e ou percorrendo um processo de diáspora.

Para tal entendimento faz-se necessário percorrer um pouco do contexto histórico do grupo em questão. A primeira grande leva de árabes chegou ao Brasil por volta do ano de 1880, motivada especialmente pela crise do império turco-otomano. De acordo com a historiadora Samira Adel Osman, professora da Unifesp e especialista em imigração árabe, naquela época, a grande maioria dos árabes que chegaram ao Brasil eram cristãos que sonhavam em retornar para seus países depois de terem aproveitado a oportunidade de fazer dinheiro no Brasil. Somando imigrantes e seus descendentes, a comunidade árabe no Brasil soma mais de 16 milhões de pessoas, o que equivale a quase 8% da população nacional.

Mas como viver em uma sociedade e em um país tão diferente e tão múltiplo como o Brasil? Como manter a identidade em momentos de incertezas e inquietudes? Zygmunt Bauman afirma que:

Em nosso mundo de “individualização” em excesso, as identidades são benção ambíguas, oscilam entre o sonho e o pesadelo, e não há como dizer quando um se transforma no outro. Na maior parte do tempo, essas duas modalidades líquido-moderno de identidades coabitam, mesmo que localizadas em diferentes níveis de consciência. Num ambiente de vida líquido-moderno, as identidades talvez sejam encarnações mais comuns, mais aguçadas, mais profundamente sentidas e perturbadoras da ambivalência. É por isso, diria eu, que estão firmemente assentadas no próprio cerne da atenção dos indivíduos líquido-modernos e colocadas no topo de seus debates existenciais. (BAUMAN 2005. p.38) ⁴

Desta forma, na busca de compreensão sobre a sociedade contemporânea há que se refletir, em especial, sobre a modernidade líquida, termo utilizado por Bauman em

sua análise sobre a sociedade contemporânea. Sobre os tempos líquidos o autor afirma que:

Enquanto os sólidos têm dimensões espaciais claras, mas neutralizam o impacto e, portanto, diminuem a significação do tempo (resistem efetivamente a seu fluxo ou o tornam irrelevante), os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la, assim, para eles, o que conta é o tempo, mais do que espaço que lhes toca a ocupar; espaço que, afinal, preenchem apenas “por um momento”. Em certo sentido os sólidos suprimem o tempo; para os líquidos ao contrário o tempo é o que importa. (BAUMAN, 2001. p.08)

Para tanto, buscando manter a discussão sobre as imigrações na perspectiva das idiossincrasias e sonhos, faz-se necessário abordar a questão da ambivalência como uma forma constante das identidades nos tempos líquidos, pois não existe uma identidade fechada, acabada, imutável; conforme o momento histórico, o contato com determinado grupo ou em situação específica pode fazer com que os indivíduos exaltem certo aspecto de sua identidade. Um exemplo seria exaltar a nacionalidade ao visitar outro país, ou ainda a religiosidade ao receber um convite para um casamento ou batizado, os regionalismos podem aflorar em uma viagem em seu próprio país, questões étnicas podem surgir em uma conversa com um vizinho. Em tempos de liquidez uma identidade vai se sobrepondo à outra, conforme o contexto em que o indivíduo se encontra.

Se as identidades variam conforme a conjuntura em que o indivíduo se encontra (BAUMAN, 2005), a memória também há de sofrer controles do presente. Sobre a afinidade da memória, passado e presente, Hobsbawm assegura que: “Todos os seres humanos e sociedades estão organizados no passado – o de suas famílias, comunidades, nações ou outros grupos de referência, ou mesmo de memória pessoal – e todos definem sua posição em relação a ele, positiva ou negativamente.” (HOBSBAWM, 1998. p.50)⁵ Desta forma, as acolhidas e os costumes são representativos destes grupos de referência

e podem confirmar para a concepção tanto das identidades como das memórias individuais e coletivas. Tedesco arrazoa sobre a memória como escolha afirmando que:

Na modernidade, a memória não aparece mais como um depósito, mas como uma pluralidade de funções uma complexa rede de atividades de seleção, de filmagens, na reestruturação em correspondência com as necessidades e demandas do presente, tanto do nível individual quanto social. (TEDESCO, 2004. p.57)⁵

A memória ainda pode ser abarcada como coletiva, de certa forma, já que as os estímulos externos ao ato de recomendar podem estar agregados a memórias de outros indivíduos, ou grupos. Assim Halbwachs (2004) afirma que:

Para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre o fundamento comum. (HALBWACHS, 2004. p.38)⁶

Logo, para Halbwachs (2004) a memória individual sofre alcance da memória coletiva; porém esta e aquela não são os únicos significados para a memória. Santos assevera que: “A memória por mais adjetivos que encontre no seu caminho – episódica, semântica, voluntária, involuntária, clássica, medieval, moderna, individual ou coletiva – resiste às reduções realizadas e é justamente este o desafio que ela nos traz.” (SANTOS, 2003. p.14).

A identidade étnica se repousa na ideia de uma origem comum (ZANINI, 2002) e assim os indivíduos que compartilham dessa ideia acabam dividindo traços e

elementos que caracterizam o pertencimento ao grupo em questão. A relação entre memória e cultura étnica pode ser incluída como:

Acreditamos que a memória e a cultura étnica devam ser entendidas, acima de tudo, como prática e fenômeno socio econômico, as quais possuem ligação com a indústria cultural, com as instituições sociais, no caso específico, especialmente com a família, a religião e a comunidade, com recursos e narrativas sócio-históricas, produzidas por instituições e preservadas ainda hoje, as quais produziram representações sociais sólidas e que permitem a manutenção, ainda que redefinida, de um horizonte de pertencimento. (TEDESCO, 2004. p.253)^z

A reflexão de Stuart Hall atenta para a existência de identidades étnicas corroborando para uma crise de identidade nacional. Já destacamos aqui o caráter “situacional” das identidades, isto é, a variação que estas podem assumir conforme a conjuntura. Segundo Tomaz Tadeu da Silva, a identidade e a diferença têm de ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais (SILVA, 2009, p. 76)^z.

Conforme Hall, a identidade étnica “rivaliza” com a classe social, com a relação entre indivíduo e trabalho fazendo parte das referências à memória e à identidade. Acerca das circunstâncias, das possibilidades e, ainda, da relação entre o indivíduo e o grupo com o qual se identifica, Martins (2007) afirma que:

A identidade pessoal, pela qual se firma objetivamente o indivíduo, é a síntese subjetiva dos componentes particulares de sua história pessoal com os elementos históricos do grupo e da sociedade que ele pertence, expressa pela relação de pertencimento a tal ou qual comunidade. A conformação histórica das sociedades apresenta-se, ao cidadão do tempo presente, como um leque de alternativas culturais. (MARTINS, 2007. p.54)^z

Assim a identidade étnica faz parte do grande conjunto de possibilidades e relações entre as múltiplas identidades que o indivíduo é capaz de acessar em diferentes conjunturas. Cabe também ressaltar que se pode entender que os processos subjetivos de chegada a um novo local, devido ao abandono de sua terra natal ou terra de descendências podem ser compreendidos pela perspectiva da teoria do capital social. (Portes, 1995; Mullan, 1989; Majka e Mullan, 2002; Meyer, 2001). São estudos que destacam que é preciso pensar que a base do capital social consiste de recursos embutidos nas redes ou nas associações a que os indivíduos pertencem Lin (2006). Encontra-se, ainda, em Bourdieu (2008) e Putnam (2006) a defesa de que o tipo de capital social motiva elementos extraordinários na definição de mobilidade social. Implica construir confiança, sentimento de solidariedade, esperança, reconhecimento mútuo como identificatório do grupo que pertenceu e que poderá gerar outras formas de relacionamento e reciprocidade.

Desta forma vale um destaque para os movimentos migratórios dos sírios e libaneses para o Brasil nas décadas de 30 a 50 do século XX, como um grupo cristão, predominantemente. Ao chegar ao Brasil, diferentemente do grupo que chegou ao final do século XIX e início do século XX que não tinham apoio dos seus pares, encontraram um conjunto de grupos de sua etnia com as colônias que já podiam dar um acolhimento quanto ao local e moradia.

Eles são também distintos dos imigrantes “recentes”, os quais chegaram ao país depois de 1960. Foi um grupo que encontrou um pouco mais de apoio devido ao fato de os imigrantes anteriores terem percorrido um caminho difícil de trabalho, dispendo-se a ajudar os recentes imigrantes.. Era um período em que o governo brasileiro estava interessado em aumentar a produção agrícola, mas os sírios e libaneses não tinham a cultura social e econômica para essa força de trabalho. Dessa maneira, o grupo migratório que chegou ao Brasil veio em condições de perseguição religiosa, em sua grande maioria, com a perspectiva de retorno ao seu *habitat* do Oriente Médio, com

suas particularidades em cheiros, cores e sabores. Resolveram sobreviver de forma econômica utilizando o comércio de mascates para obter um “pequeno dinheiro” imediato para voltarem para suas aldeias de referência e sua Igreja de porto seguro espiritual (EL KADI, 1997)¹⁴. Uma profissão que exige muito esforço físico e muito desgaste emocional, seja pelo peso das mercadorias, seja pela dificuldade de entender e se fazer entender na diferença da língua materna de origem. A língua árabe tem o alfabeto diferente do português, o que acarreta diferenciação de fonemas e construções frasais. Vale lembrar: *babai* por papai, *babel* por papel e outros devido à não existência da letra b e frases com verbos no feminino e masculino que não ocorre na língua portuguesa: Ela gosta, Ele gosto.

Como estratégia de capital social, o grupo do Rio de Janeiro e o de Niterói apoiavam-se mutuamente em reunião de amigos e encontros na Igreja Ortodoxa no Rio de Janeiro, além das visitas entre os familiares e seus vizinhos de aldeias.

Para o grupo que chegou no período da segunda grande migração árabe oriundos das redes de comunicação a vida e a sobrevivência no Rio de Janeiro e em Niterói ainda estava marcada por muitos percalços sociais, culturais e econômicos. Porém como os grupos estavam mais fortalecidos pelos laços familiares começaram a apresentar uma força de trabalho mais intensa. As redes¹⁵ sociais foram construídas com base nas cartas, alguns raros telefonemas ou por intermédio de um ou outro imigrante que mandava dinheiro para que um membro da família pudesse vir para o Rio de Janeiro ou Niterói.

No período de 1915 a 1950, entre os sírios e libaneses, viveu-se as idiosincrasias e sonhos concretizados ou frustrados por parte desses árabes que tinham que desvendar os sete véus das Américas como novo mundo. Era uma época em que havia o medo de perder as lembranças e a vontade de manter a memória de sua vida e dos seus parentes. Um forte desejo de manter a identidade ética entre os indivíduos e tentar se impor no mercado de trabalho como sujeitos bem sucedidos. E para além desse conjunto de desafios, a procura da manutenção das redes sociais com o caráter de respeitabilidade, confiança, manutenção de valores e de religiosidade. Muitas vezes o amor e o medo

eram sentimentos tão próximos que fazia-se necessário ter um porto seguro para que o sentimento de iniquidade da perda e revolta não fossem maiores do que a esperança de uma vida que poderia ser cheia de surpresas agradáveis e acolhedoras. Para tanto, esse grupo compartilhava sonhos que poderiam ser sonhados em grupo.

Assim, foi nesse período que constituíram alguns objetos sociais que pudessem ter como premissa o encontro de identidades étnicas que ajudaria a entender os deslocamentos que cada um e o grupo vivia àquela época, entre Rio de Janeiro e Niterói, como: Clube Sírio e Libanês (1925) e Clube Monte Líbano (1950), Sociedade Beneficente Antioquense (1918), Sociedade Ortodoxa São Nicolau (1918), Sociedade Ortodoxa de Senhoras (1935), Igreja São Nicolau (1912), Igreja N^a. S^a. do Líbano (1917), Sociedade de Senhoras Maronitas (1949) , Igreja Melquita (1951), Clube Libanês (1944) , Sociedade Beneficente el Baida (1948) , União da Juventude Ortodoxa (1953), Sociedade Beneficente Antioquense de Niterói (1947) , União da Juventude de Niterói (1955).

Em depoimentos dos sírios e libaneses que chegaram nesse período e de seus descendentes pode-se apontar para algumas categorias de busca de inclusão social e manutenção da identidade árabe.

Quanto aos relacionamentos sociais, havia um enorme desconhecimento da cultura local que perpassava por símbolos de estranhamento. Os clubes e associações reforçavam os laços e redes de manutenção das famílias que por vezes resultava em casamentos entre os conhecidos da mesma cidade natal ou da mesma religião. Muitos brasileiros consideravam os “turcos”, que eram conhecidos como “estranhos” nos seus hábitos de vida e de culinária (era muito estranho comer alguns alimentos com o pão árabe – *hamus* ou com a folha de alface – *tabule*). Os casamentos eram uma forma de estabelecer a etnia e os costumes entre os imigrantes. As famílias participavam de eventos sociais e fortaleciam a ideia de orientar alguns casamentos com suas redes internas ou em manter contato por cartas ou telefonemas com os familiares próximos para realizar casamentos por procuração ou com a noiva vinda da Síria ou do Líbano.

Outro ponto a ser ressaltado era a preocupação do primeiro e segundo grupos de imigrantes oferecerem uma “boa” educação para os filhos e netos devido ao pensamento pequeno burguês de que ser doutor, advogado, engenheiro era uma forma de ascensão e inclusão sociais. Desejavam que seus descendentes ocupassem os bancos universitários. Isso pode ser percebido pelo percentual significativo de descendentes sírios e libaneses que se destacaram nessas áreas. Também vale lembrar que muitos foram para a carreira política nos dois municípios, com a valorização por parte dos familiares do conceito de “autoridade local”. (Silva, 2008; Truzzi, 2008)¹³ Mesmo vivendo alguns momentos de exclusão social, por pertencerem a descendência de mercadores ambulantes, quer sejam os que vendiam mercadorias de porta em porte, quer sejam os que tinham uma pequena loja de atacado ou varejo de armarinho; quer sejam os que vendiam limonada em praças, os filhos tomaram-se grandes empresários pela força e enorme desejo de prosperarem rapidamente e de serem protagonista na sociedade que eles estavam abraçando e que os abraçava.

Os relatos mais significativos são os que ressaltam que mesmo nos momentos de contradição entre sentimentos de pertença e de exclusão havia o reconhecimento da existência de um espaço social onde se falava o português, e de locais e espaços sociais onde se mantinha o idioma árabe que era sentido entre os grupos¹⁴ (GATTAZ, 2005) Essas fronteiras reforçavam, entre outros aspectos, a necessidade de uma reconhecimento social para se romper com os estereótipos e a inserção social (FIGOLI e VILELA, 2004)¹⁵. Com essa ordem social fez-se necessária a determinação de muitos sírios e libaneses tornarem-se cidadãos brasileiros. Optaram pela naturalização brasileira, mas com a constatação e certeza de que não abandonariam suas origens mediterrâneas, com a manutenção da língua árabe e seus costumes religiosos, culinários e outros.

Diante das idiosincrasias e medos, das incertezas e vicissitudes do processo imigratório, pode-se observar que o desejo de manutenção da própria etnia, as bases identitárias e a memória são grandes embaixadores das redes sociais criadas pelos grupos

sírios e libaneses. As tramas sociais estabelecidas deram conexão aos primeiros imigrantes e adequaram certas formas de padrões indenitários que auxiliaram a chegada do segundo grupo com as entidades criadas para darem certo suporte econômico e financeiro, laços de fraternidade, certas perspectivas de trabalho, base familiar e religiosa, além de festas sociais e convívio familiar, com visitas para jogos de cartas, lanches e piqueniques.

Portanto, convivendo com a nova cartografia e tipologia do hemisfério sul das Américas os sírios e libaneses tiveram que vencer alguns estereótipos com as denominações de “turco”, de “batricio” ou de “espertos comerciantes”, mas a determinação e o desejo de manter um bom relacionamento entre as etnias com a vontade de inclusão social fizeram parte dos movimentos desses grupos que tiveram a capacidade de sonhar para manter e construir redes e objetos sociais que fortaleceram suas identidades com agraciamento à sociedade local.

Considerações finais

As formas estabelecidas como identidade dos grupos imigrantes sírios e libaneses implicaram compreender o novo, sem deixar que suas marcas de etnia e identidade social fossem abandonadas para que os grupos pudessem ser acolhidos para viverem como atores sociais em aceitação e protagonismo. Os mecanismos seletivos para a legitimidade tinham o papel de fixar os atributos de identidade étnica. Para conviver com os diferentes, para entender as mudanças e transformações vividas sem perder suas narrativas e símbolos identitários criaram meios de integração e redes sociais dotados de sentido e legitimidade para os grupos que pretendiam uma inserção social e ocupacional.

R. METAXY, Rio de Janeiro, v.2, n.1, p.78-103, 2019. **Imigração dos sírios e libaneses :
idiosincrasias e sonhos.**

Miriam Abduche Kaiuca

[1](#) SAYAD, Abdelmalek. A imigração ou os paradoxos da alteridade. São Paulo: Editora da USP, 1998. p. 52.

R. METAXY, Rio de Janeiro, v.2, n.1, p.78-103, 2019. **Imigração dos sírios e libaneses :
idiosincrasias e sonhos.**
Miriam Abduche Kaiuca

[2](#) SAYAD, Abdelmalek. A imigração ou os paradoxos da alteridade. São Paulo: Editora da USP, 1998. p. 45.

R. METAXY, Rio de Janeiro, v.2, n.1, p.78-103, 2019. **Imigração dos sírios e libaneses :
idiosincrasias e sonhos.**
Miriam Abduche Kaiuca

[3](#) BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2005

R. METAXY, Rio de Janeiro, v.2, n.1, p.78-103, 2019. **Imigração dos sírios e libaneses :
idiosincrasias e sonhos.**
Miriam Abduche Kaiuca

[4](#) BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

R. METAXY, Rio de Janeiro, v.2, n.1, p.78-103, 2019. **Imigração dos sírios e libaneses :
idiosincrasias e sonhos.**
Miriam Abduche Kaiuca

[5](#) HOBBSAWM, Eric J. *A era das revoluções: Europa – 1789-1848*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. 366p. (Pensamento crítico; 13)

R. METAXY, Rio de Janeiro, v.2, n.1, p.78-103, 2019. **Imigração dos sírios e libaneses :
idiossincrasias e sonhos.**
Miriam Abduche Kaiuca

[6](#) TEDESCO, João Carlos. *Nas Cercanias da Memória: Temporalidade Experiência e Narração*. Passo Fundo: UPF; Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

R. METAXY, Rio de Janeiro, v.2, n.1, p.78-103, 2019. **Imigração dos sírios e libaneses :
idiossincrasias e sonhos.**
Miriam Abduche Kaiuca

[7](#) HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004. p.138.

R. METAXY, Rio de Janeiro, v.2, n.1, p.78-103, 2019. **Imigração dos sírios e libaneses :
idiosincrasias e sonhos.**

Miriam Abduche Kaiuca

[8](#) TEDESCO, João Carlos. *Nas Cercanias da Memória: Temporalidade Experiência e Narração*. Passo Fundo: UPF; Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

R. METAXY, Rio de Janeiro, v.2, n.1, p.78-103, 2019. **Imigração dos sírios e libaneses :
idiossincrasias e sonhos.**
Miriam Abduche Kaiuca

[9](#) SILVA, Tomaz Tadeu da. “A produção social da identidade e da diferença”. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 73-102.

R. METAXY, Rio de Janeiro, v.2, n.1, p.78-103, 2019. **Imigração dos sírios e libaneses :
idiosincrasias e sonhos.**
Miriam Abduche Kaiuca

[10](#) MARTINS, José Souza de. A imigração espanhola para o Brasil e a formação da força de trabalho na economia cafeeira: 1880-1930. *Revista de História*, 121: 5-2. 2007

R. METAXY, Rio de Janeiro, v.2, n.1, p.78-103, 2019. **Imigração dos sírios e libaneses :
idiossincrasias e sonhos.**
Miriam Abduche Kaiuca

[11](#) EL KADI, Nagile. *A migração druzá: passos e traços*. Belo Horizonte, dissertação de mestrado, UFMG. 1997

R. METAXY, Rio de Janeiro, v.2, n.1, p.78-103, 2019. **Imigração dos sírios e libaneses :
idiossincrasias e sonhos.**
Miriam Abduche Kaiuca

[12](#) Vale ressaltar que as redes de ajuda e de solidariedade criadas pelos imigrantes não são utilizadas apenas nas decisões de migrar e para onde migrar. Elas se mantêm em todo o processo de imigração, incluindo a inserção no mercado de trabalho, a empregabilidade e a posição ocupacional dos membros do grupo.

[13](#) (Silva, 2008; Pitts Jr., 2006; Truzzi, 1997)

SILVA, R.C.M.E. Reordenação de identidades dos imigrantes árabes *Trab. Ling. Aplic.* 47: 357 -373. 2008

TRUZZI, Oswaldo. *Redes em processos migratórios*. Tempo Social, São Paulo, vol. 20, p. 199-218. 2008

R. METAXY, Rio de Janeiro, v.2, n.1, p.78-103, 2019. **Imigração dos sírios e libaneses :
idiosincrasias e sonhos.**
Miriam Abduche Kaiuca

[14](#) GATTAZ, André C. *Do Líbano ao Brasil: história oral de imigrantes*. São Paulo: Gandalf. 2005.

R. METAXY, Rio de Janeiro, v.2, n.1, p.78-103, 2019. **Imigração dos sírios e libaneses :
idiosincrasias e sonhos.**
Miriam Abduche Kaiuca

[15](#) FIGOLI, L. H. & VILELA, E. M. "Migração internacional, multiculturalismo: sírios e libaneses em Minas Gerais". Trabalho apresentado no *XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, Caxambu, MG, Abep.2004

R. METAXY, Rio de Janeiro, v.2, n.1, p.78-103, 2019. **Imigração dos sírios e libaneses :
idiosincrasias e sonhos.**
Miriam Abduche Kaiuca